

REN21: gás natural como combustível de transição é um mito a ser desmascarado ⁽¹⁾

Em entrevista exclusiva ao EnergiaHoje, Rana Adib, diretora executiva do REN21, afirma que muitos países ainda não apresentaram uma estratégia concreta para a descarbonização de matrizes de transportes e vê grande potencial para o Brasil diversificar seu mix de eletricidade e investir em outras fontes de energia renovável no futuro. Confira a entrevista exclusiva.

Quais são os principais desafios para o Brasil para manter sua liderança na produção e uso de bioenergia?

Embora o desenvolvimento das energias renováveis seja entendido como essencial para enfrentar a mudança climática, a expansão recente e planejada da energia limpa tem levantado preocupações notáveis com a sustentabilidade. Nos últimos anos, o debate tem-se concentrado no papel da bioenergia, especialmente no contexto do uso insustentável da biomassa. Além disso, os requisitos de recursos e as emissões do ciclo de vida das tecnologias de energia renovável têm recebido atenção crescente. No futuro, estas serão preocupações importantes para um produtor líder de biocombustíveis como o Brasil enfrentar e lidar com elas.

O Brasil já teve mais de 90% de sua matriz elétrica produzida por usinas hidrelétricas; hoje essa participação é de aproximadamente 65%.

Ainda é possível apostar em usinas hidrelétricas, uma fonte considerada renovável, mas com altos impactos sociais e ambientais em sua implementação?

O Brasil é líder em capacidade hidrelétrica total, mas depois de quase uma década de adição na faixa de gigawatts, o país só comissionou 177 MW em 2020. O mercado mundial de energia hidrelétrica vem de fato desacelerando há vários anos, já que a tecnologia enfrenta muitos desafios: fatores operacionais e técnicos, aceitabilidade ambiental e social, declínio global dos preços da eletricidade no atacado e impactos climáticos adversos na produção e infraestrutura hídrica.

Portanto, há muitas razões para o Brasil se diversificar longe da energia hidrelétrica. De fato, o Brasil estava entre os cinco principais países em termos de instalações de energia eólica e de capacidade de aquecimento solar de água em 2020, apesar de ter sido um ano desafiador. Há um grande potencial para o Brasil diversificar seu mix de eletricidade e investir em outras fontes renováveis no futuro, o que também é bom para a segurança energética do Brasil, em geral.

Como esta transição precisa ser feita para não comprometer a cadeia de produção de petróleo e gás, que é muito relevante na economia do país hoje em dia?

Como a energia eólica offshore avançou (e particularmente as tecnologias flutuantes), grandes empresas petrolíferas começaram a investir grandes e crescentes quantias de dinheiro no setor, que é uma das áreas (além da geotérmica) onde a transferência de habilidade e conhecimento do petróleo para a energia renovável é mais clara. No início de 2021, as majors do petróleo representavam apenas 5% da capacidade offshore em operação, mas do início de 2019 até março de 2021 ganharam cerca da

metade dos concursos de energia eólica offshore adjudicados fora da China.

Para o REN21, o gás natural pode ser considerado como um combustível de transição?

Vemos isso em energia: mitos de que as energias renováveis são muito caras, que a energia renovável variável tornará a rede “instável”, mas também que o gás natural é o combustível de ligação e que o nuclear é “limpo”. Mesmo chamá-lo de “gás natural” é enganoso: na verdade é apenas gás fóssil ou metano, que é um gás de efeito estufa ainda mais potente do que o CO₂! Quando rompemos com estes mitos, é evidente que somos impedidos pelo medo de mudanças radicais. Eles também nos apontam para jogadores que têm interesse em criar e manter mitos, ou em defender suas posições enraizadas no cenário energético atual.

A realidade é que instalar nova capacidade renovável é mais barato do que instalar capacidade de gás fóssil. Neste momento, não faz sentido continuar tratando os investimentos em gás fóssil como um passo intermediário, pois estes inevitavelmente acabarão como ativos irrecuperáveis no futuro. Estamos apenas atrasando a transição com base em mitos propagados por lobbies com interesses instalados.

Mesmo a Agência Internacional de Energia (AIE) disse que novos investimentos no fornecimento de combustíveis fósseis não estão em linha com as emissões líquidas zero até 2050. Nossa resposta como comunidade de energia renovável deve ir além de desmascarar mitos. Ela deve falar aos medos subjacentes. Criar mudanças profundas e estruturais exigirá três coisas. Em primeiro lugar, devemos mudar radicalmente a forma como falamos de energia renovável. Em segundo lugar, precisamos mudar nossas táticas para nos tornarmos mais estratégicos quando influenciamos. Finalmente, precisamos criar conexões com um novo conjunto de especialistas.

Como o país pode acelerar o uso de tecnologias como hidrogênio verde, sistemas de armazenamento e mobilidade elétrica, de modo que em 10 ou 15 anos a redução das emissões seja concreta e relevante em comparação com os níveis atuais?

Metas e políticas são importantes para acelerar o uso dessas tecnologias. Em 2020, vimos um interesse crescente pelo hidrogênio, com vários governos fazendo anúncios de políticas de apoio à modalidade. Mas isto não é necessariamente uma boa notícia porque nem todos estes países se comprometeram a buscar o hidrogênio renovável. No momento, apenas oito países, mais a UE, possuem estratégias nacionais de apoio ao desenvolvimento de hidrogênio renovável, e vários outros tinham roteiros de hidrogênio ou esboços de estratégias de hidrogênio verde em preparação.

Da mesma forma, muitos países ainda carecem de uma estratégia holística para descarbonizar o transporte, embora as cidades muitas vezes estejam bem posicionadas para tomar medidas mais abrangentes – e muitos já estão fazendo isso.

Tais estratégias incluem a redução da demanda geral por transporte; a transição para meios de transporte mais eficientes, como o transporte público (baseado em energias renováveis) e o transporte ferroviário ou não-motorizado/ativo (por exemplo, a pé ou de bicicleta); e a melhoria da tecnologia e dos combustíveis dos veículos, como através de maior eficiência de combustível e padrões de emissão, juntamente com uma maior incorporação de energias renováveis.

Juntas, estas estratégias – comumente chamadas de Evitar-Melhorar – podem diminuir muito a demanda de energia e as emissões de gases de efeito estufa associadas no setor e, assim, permitir que a participação das energias renováveis no transporte aumente.

Qual deveria ser o papel dos bancos e instituições de crédito, incluindo instituições multilaterais como o BID e o Banco Mundial, a fim de acelerar a implementação de projetos de energia limpa?

Os fundos multilaterais de clima e os bancos multilaterais de desenvolvimento desempenham um papel importante na prestação de apoio direto aos países em desenvolvimento, pois são a principal interface entre os setores público e privado. O reabastecimento desses fundos é importante para o futuro do financiamento climático; eles são fundamentais para o financiamento climático dos países em desenvolvimento e determinam a quantidade de investimento para enfrentar os desafios de mitigação e adaptação ao clima nesses países.

Em 2019, os bancos multilaterais de desenvolvimento destinaram US\$ 11,4 bilhões a projetos de energia renovável, incluindo geração de eletricidade, produção de calor e outras aplicações, bem como medidas para facilitar a integração de fontes limpas nas redes. Desse total, 67% foram destinados a países de baixa e média renda e 33% a países de alta renda. As regiões que receberam a maior parte do financiamento foram a União Europeia (30,2%), seguida pela África Subsaariana (16,4%), Ásia Oriental e Pacífico (9,9%), multirregional (9,1%) e América Latina (8,8%).

Os projetos energéticos representaram quase 60% de todo o financiamento climático em 2017 e 2018, com uma média de US\$ 337 bilhões. Os fluxos de financiamento climático de países desenvolvidos para países em desenvolvimento alcançaram US\$ 78,9 bilhões em 2018, dos quais US\$ 12,5 bilhões foram destinados a projetos que visam a geração de energia a partir de fontes renováveis. O movimento de desinvestimento continuou sua tendência ascendente em 2020, com mais de 1.300 investidores institucionais e instituições no valor de quase US\$ 15 trilhões, comprometendo-se a desinvestir parcial ou totalmente de ativos relacionados a combustíveis fósseis.

O Brasil utiliza etanol de cana-de-açúcar como combustível alternativo à gasolina há cerca de 45 anos, tem um programa de produção de biodiesel, estabeleceu há alguns anos um programa de incentivo ao uso da bioenergia (RenovaBio) e tem know-how para o uso do gás natural em veículos (agora, com a possibilidade de usar biometano).

Mesmo assim, a matriz energética no transporte ainda é fortemente baseada em combustíveis fósseis (especialmente diesel em caminhões, com um modal rodoviário mais forte).

Que medidas recomendaria a REN 21 para que o Brasil descarbonizasse mais rapidamente este segmento?

Quase todos os aumentos na demanda de energia nos transportes foram atendidos por combustíveis fósseis, o resultado tem sido uma tendência geral de aumento das emissões de gases de efeito estufa do setor de transportes em todos os modos, exceto o ferroviário, que continua sendo o subsetor mais altamente eletrificado. As energias renováveis podem atender às necessidades energéticas do setor de transportes através do uso de biocombustíveis em forma pura (100%) ou misturados com combustíveis convencionais em veículos com motor de combustão interna; biometano em veículos a gás natural; e eletricidade renovável em veículos a bateria e híbridos plug-in, e convertidos em hidrogênio renovável através de eletrólise para uso em veículos a célula de combustível, ou usados para produzir combustíveis sintéticos e eletrocombustíveis.

A pandemia de Covid-19 resultou em novos padrões de consumo e, segundo você, poderia representar uma oportunidade de transformação – o que não ocorreu. Ainda é possível “tirar proveito” da pandemia ou já se perdeu o tempo?

É verdade que os investimentos em combustíveis fósseis descritos nos pacotes de recuperação da Covid-19 em todo o mundo foram seis vezes maiores do que o nível de investimentos alocados à energia renovável. Entretanto, apesar dos impactos da pandemia da Covid-19, a energia renovável estabeleceu um recorde em nova capacidade de energia em 2020 e foi a única fonte de geração de eletricidade a registrar um aumento líquido na capacidade total. O investimento em capacidade de energia renovável aumentou, embora ligeiramente, pelo terceiro ano consecutivo, e as empresas continuaram a bater recordes de fornecimento de eletricidade renovável.

É essencial uma mudança fundamental na forma como as energias renováveis são a principal atividade comercial e pública e os próximos passos são críticos. A REN21 recomenda dois passos fundamentais:

- Definir as energias renováveis como um indicador-chave de desempenho [KPI, na sigla em inglês] em cada atividade econômica.
- Fazer da participação nacional das energias renováveis o indicador-chave para saber se um país está atingindo seus objetivos climáticos.

Se os governos e as empresas fizerem da energia renovável o principal indicador para acompanhar o progresso do clima, isso incentivará uma enorme onda de investimento e de adoção de tecnologia que mudará a forma como usamos, produzimos, distribuimos e usamos a energia.

Finalmente, como a integração energética regional (neste caso na América Latina) poderia contribuir para a construção de uma matriz energética mais renovável e mais rapidamente?

As taxas de eletrificação na região da ALC estão entre as mais altas do mundo. Em média, 97% da população tem acesso à eletricidade. A integração dos mercados regionais de eletricidade não só contribuiu para altas taxas de acesso, mas também melhorou a estabilidade da rede e a acessibilidade de preços da eletricidade. Melhorar a flexibilidade da rede também é fundamental para aumentar a geração a partir de fontes variáveis de energia renovável (VRE), como a energia solar fotovoltaica e eólica, e a integração regional pode contribuir para uma maior integração dessas fontes nas misturas de energia.

Este número no GSR mostra como vários países da América Latina (Uruguai, Honduras, Chile, Nicarágua) já possuem altas quotas de VRE. No Brasil também a energia eólica representou 9,7% (56,5 TWh) do total da geração de eletricidade do país em 2020. O Uruguai tem sido um país de destaque há vários anos no que diz respeito à energia eólica. Entretanto, não instalou recentemente novas turbinas porque seu fornecimento de eletricidade já está satisfeito (e baseado em quase 100% de energias renováveis) e falta-lhe novos usos finais domésticos (como carros elétricos) e uma interconexão com os países vizinhos. O reforço da interconexão entre Uruguai, Brasil e Argentina poderia permitir que mais potencial de energia renovável fosse aproveitado.

(1) Entrevista publicada na Editora Brasil Energia. Disponível em:

<https://energiahoje.editorabrasilenergia.com.br/gas-natural-como-combustivel-de-transicao-e-um-mito-a-ser-desmascarado-diz-ren21>. Acesso em 23 de junho de 2021.